

## UNIDADE, MULTIPLICIDADE, MOVIMENTO E PERMANÊNCIA: PONDERAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO DE PARMÊNIDES E HERÁCLITO

Bianca Camargo de Lima\*

**Resumo:** O presente artigo busca tecer hipóteses sobre as circunstâncias que podem ter contribuído ao nascimento do pensamento filosófico ocidental, bem como propõe-se a analisar a forma em que convergem e divergem algumas linhas de pensamentos então contemporâneas, em especial a parmenidiana e a heracliteana. Nessa perspectiva, questiona-se também a validade da determinação de um marco germinativo em ambos contextos e, assim, pondera-se sobre a inclinação pré-socrática ao estabelecimento de princípios e sobre sua contribuição a noções básicas à metafísica, como unidade, multiplicidade, movimento, permanência.

**Palavras-Chave:** Pré-Socráticos. Unidade. Multiplicidade. Movimento. Permanência.

## UNITY, MULTIPLICITY, MOVEMENT AND PERMANENCE: CONSIDERATIONS ON PARMENIDIAN AND HERACLITEAN LINES OF THOUGHT

**Abstract:** This article tries to weave hypotheses on the circumstances that could have contributed to the birth of the Western Philosophy, as well as it proposes to analyze the form in which some lines of thought converged and diverged then, especially the Parmenidian and the Heraclitean ones. In this perspective, the validity of the determination of a germinative framework in both contexts is also questioned and, thus, it is weighed on the pre-Socratic inclination for the establishment of principles and its contribution to basic notions to metaphysics, such as unit, multiplicity, movement, permanence.

**Keywords:** Pre-Socratic. Unity. Multiplicity. Movement. Permanence.

### 1 Introdução

*Há somente mistura e dissociação dos componentes da mistura.*

*Nascimento é apenas um nome dado a esse fato pelos homens.*

---

\*Graduanda em Filosofia pela Faculdade São Bento de São Paulo (FSB-SP). E-mail: bilimacamargo@gmail.com.

Empédocles (PLUTARCO, *Contra Colotes*, 1111F, DK B8)

Burke (1999) descreve a época que serviu de berço a Leonardo, Rafael e Michelangelo como um tempo de muitos “primeiros”: a primeira pintura a óleo, a primeira gravura em madeira, o primeiro livro impresso e o primeiro código sistematizado a respeito da perspectiva linear. O Renascimento, período histórico sob a análise do inglês, foi uma fase perpassada por inovações. Esse aspecto seminal, no entanto, não tirou do momento a possibilidade de ser nomeado, ainda em seu desenrolar por seus contemporâneos, do ato de renascer. O prefixo que aponta para uma nova vez, para uma nova oportunidade de vida, não exclui a interpretação que ressalta as novidades. Pelo contrário, talvez seja ela que coadune o sentido pretendido pela expressão. É em tentativa de compreender as forças que prepararam a conjectura inspiradora aos italianos que empreendemos a presente pesquisa. Para tal, analisaremos os binômios uno-múltiplo, movimento-permanência e o contexto social em que eclodiram por meio, especialmente, dos discursos parmenidiano e heracliteano.

Se fôssemos seguir, contudo, pelo caminho apontado por Empédocles, descobriríamos-nos numa *aporía*. Algo que não é passível de demarcação, como o nascimento, não pode ser repetido. Não se sabendo seus limites e nem mesmo quando ou se veio a ser e deixou de ser<sup>147</sup> pela primeira vez, não se pode discriminar sua reincidência. Essa impossibilidade seria indicativo de sua não determinação, de sua não eventualidade ou, para caracterizá-la afirmativamente, de seu caráter emergente. Seria, portanto, o *nascimento* apenas um artifício cognoscível dentro do qual o homem tenta encapsular algo maior para conseguir manipulá-lo<sup>148</sup> ao menos linguisticamente. Um nome que é posse, como diria Lévinas (1997).

---

<sup>147</sup> O tema que está aqui implícito foi caro não somente a alguns pré-socráticos, como destacaremos, mas foi também particularmente tratado por Aristóteles em seu tratado *De generatione et corruptione*. Nele, o antigo estabelece noções basilares para seu pensamento físico e dinâmico. A célebre obra começa propondo que “sobre a geração e a corrupção das coisas que por natureza se geram e corrompem, há que distinguir, de modo uniforme para todas, as respectivas causas e definições, assim como, sobre o aumento e a alteração, o que é cada um e se é de supor que a natureza da alteração e da geração é a mesma ou é diferente, acompanhando a diferença dos nomes” (I, 1, 314a).

<sup>148</sup> A relação entre ser, pensar e dizer é de grande interesse para o pensamento filosófico. É ela que nos chama a refletir a linguagem como meio de manipulação do ser e do não ser, manipulação essa que pode

O que se nomeou *renascimento* poderia perfeitamente ser somente a manutenção desse ciclo de geração e corrupção, acerca do qual não se pode desenhar traços delimitadores, mas de que o homem ainda assim tenta apreender sinais e, continuando a apreendê-los, confere-os o prefixo indicativo de retorno para referir-se, na verdade, ao seu aspecto cíclico e contínuo<sup>149</sup>. Mesmo a ideia de geração e corrupção pode ser considerada limitante e substituída, pelos atomistas, pela noção de combinações possíveis<sup>150</sup>. Daqui, podemos já visualizar a tensão entre os binômios apresentados acima. Na base desse dilema, encontra-se a questão do conhecimento, do que seria o homem capaz de conhecer. Ainda por outro viés, achamos o problema sobre o ser, daquilo que serve de substrato ao endereçamento de predicados que fazemos na tentativa de compreensão.

Não é por essa reflexão, porém, que Burke conduz seu público leitor. Seu objetivo “é fazer uma história social aberta, que explore as conexões entre cultura e sociedade, sem concluir que o imaginário é determinado por forças econômicas ou sociais”<sup>151</sup>. Deixemo-nos também dirigir por essa tendência em um primeiro momento. Será pelo sobrevoo histórico ao longo dos séculos que precederam Sócrates e que acompanharam a formação da *pólis* que buscaremos indícios para a escritura de uma narrativa metafísica. A narrativa, como qualquer outra do gênero, será analisada conforme tempo e espaço, enredo, personagens e narrador. Por um imperativo próprio da narração, escolhamos, pois, um ponto e demos-lhe o caráter de inicial.

## 2. 1 Tempo e espaço

No princípio, o homem ocupou a terra e a água. O relevo montanhoso que limitava os conglomerados humanos, que dava abrigo ao múltiplo entre seus vales, não era capaz de romper a unidade inerente a um povo. As diferentes posturas regionais

---

ser, por sua vez, conduzida maliciosamente ou não. Essa última bifurcação tem sido tomada como um dos critérios de diferenciação entre a Filosofia e a Retórica. Dentre os diálogos platônicos que são convenientes para investigar a questão, destacamos *Parmênides*, *Fedro* e *O Sofista*.

<sup>149</sup> Lembramos Heráclito que diz que “a rota para cima e para baixo é uma e a mesma” (DK 22 B60).

<sup>150</sup> Aristóteles relata-nos, fazendo menção às ideias de Demócrito, que “há, porém, alguns que encaram como causa deste céu e de todos os mundos o acaso. Pois, para eles, do acaso formou-se o turbilhão e o movimento separou os elementos primitivos e que estabeleceu o todo na ordem atual...” (*Física*, II, 4. 196 a 24, DK 68).

<sup>151</sup> *Burke, P. O Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália*, p. 13.

eram ainda interligáveis, seja pelo mar, seja pela cultura. A própria formação geográfica do que viria a constituir o Mundo Grego foi um fator à autonomia das cidades-Estados.

A base linguística e mítica por eles compartilhada, no entanto, era o que desafiava a total fragmentação. Herança dos primeiros micênicos, foi esse arcabouço que deu base às diferentes formas de manifestações humanas, às atividades que Aristóteles<sup>152</sup> viria a dividir entre θεωρία (*theoría*), ποιήσις (*poiésis*) e πράξις (*práxis*). As obras homéricas forjaram um código fundado na nobreza; a armada construiu um império; e a razão, por sua vez, engendrou-nos um legado. Semelhante à formação civilizacional que se deu em tantas outras regiões, o povo grego é resultado de batalhas, conquistas, resistências e diásporas. Entre aqueus, jônios, dórios e eólios, assistimos à formação e à demolição de configurações sociais.

A antiga organização tribal é abolida. [...] A cidade situa-se assim num outro plano distinto do das relações de *gene* e dos vínculos de consanguinidade: tribos e demos são estabelecidos numa base puramente geográfica; reúnem habitantes de um mesmo território, não parentes de mesmo sangue como os *gene* e as *fátrias*, que substituem sob sua forma antiga, mas que agora ficam fora da organização propriamente política. [...] Cada tribo realiza assim a “mistura” das populações, dos territórios, dos tipos de atividade de que é constituída a cidade. [...] A organização administrativa responde, pois, a uma vontade deliberada de fusão, de unificação do corpo social.<sup>153</sup>

“O aparecimento da *pólis* constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo”<sup>154</sup>. Essa invenção, que teria acontecido em VIII a.C., estabeleceu marcas indeléveis à forma como o homem pensava sua existência e também a existência em geral. A convivência que deixou de ser baseada em relações de parentesco passou a exigir algo que ultrapassasse o vínculo físico, material e restrito do sangue para a manutenção de uma ordem de caráter universal. A cosmologia que a cidade pressupunha de seus habitantes, e futuros cidadãos, esperava tomá-los como permutáveis entre si. Seria essa permutabilidade a garantia de semelhança e,

---

<sup>152</sup> Essa diferenciação é feita por Aristóteles nos capítulos iniciais de *Ética a Nicômaco*.

<sup>153</sup> Vernant, J.P. *As Origens do Pensamento Grego*, pp.105-106.

<sup>154</sup> Idem, p. 53.

posteriormente, de igualdade. Esse movimento explica por que apenas nesse contexto a humanidade viu a estreia de um modelo de ascensão à política que se baseava em sorteios, e não mais em critérios censitários ou hereditários.

A *pólis* apresenta-se como um universo homogêneo, sem hierarquia, sem planos diversos, sem diferenciação. A *arché* já não se concentra num personagem único no cume da organização social. Está dividida igualmente por meio de todo o domínio da vida pública, nesse espaço comum em que a cidade encontra seu centro, seu *meson*. Segundo um ciclo regulamentado, a soberania passa de um grupo a outro, de um indivíduo a outro, de tal maneira que comandar e obedecer, em vez de se oporem como dois absolutos, tornam-se os dois termos inseparáveis de uma mesma relação reversível. Sob a lei de *isonomia*, o mundo social toma a forma de um *cosmos* circular e centrado em que cada cidadão, por ser semelhante a todos os outros, terá que percorrer a totalidade do circuito, ocupando e cedendo sucessivamente, segundo a ordem do tempo, todas as posições simétricas que compõem o espaço cívico.<sup>155</sup>

A *arché*, que antes residia sob o poder de um arconte, deixou de ser arbitrária para ser racionalizada por meio de leis que atingiam a todos sem distinção. Deu-se pela violência limitante das leis que se pretendeu assegurar a *homónoia* do corpo social. A tensão de opostos, que parece ser intrínseca às ideias de harmonia, ordem e justiça, permeava as meditações coetâneas. É na boca de Anaximandro de Mileto que encontramos em nível teórico o que era desenhado na cidade em nível prático. Ele, então, disse que “pois donde a geração é para os seres, é para onde também a corrupção se gera segundo o necessário; pois concedem eles mesmo justiça e deferência uns aos outros pela injustiça, segundo a ordenação do tempo”<sup>156</sup>.

“O *lógos*, na origem, toma consciência de si mesmo, de suas regras, de sua eficácia, por intermédio de sua função política”<sup>157</sup> e tenta achar algo de permanente no turbilhão social por qual passava o Mundo Grego. Em concordância à historiografia de Burke (1999), reconhecemos que as ponderações entre movimento e permanência podem ter surgido de uma conformação histórica determinada e específica. Foi,

---

<sup>155</sup> Souza, J. C. (org.). *Os Pré-Socráticos*. p. 107.

<sup>156</sup> SIMPLÍCIO, *Física*. 24, 13, DK B1. Os fragmentos a partir de agora utilizados obedecem à tradução de José Cavalcante (para Editora Nova Cultural, col. Os Pensadores) e à ordem estabelecida por Diels e Kranz.

<sup>157</sup> Vernant. J.P. *As Origens do Pensamento Grego*, p. 54.

contudo, o descolamento dela que alçou os conceitos dali abstraídos ao patamar de paradigmas para o pensamento ocidental. Com isso, queremos dizer que não demanda muito esforço intelectual perceber as pontes que ligam o contexto histórico ao pensamento grego em seu estado embrionário. Exige, por sua vez, uma empreitada grandiosa para a construção de uma escada que saia do concreto ao abstrato como a feita pelos primeiros pensadores.

Ao invés de extrair de nós a possibilidade, é esse constructo que nos permite ver no cotidiano, mesmo na abstração necessária ao estabelecimento de transações monetárias, os ensaios de explicação de um “processo capaz de tornar compreensível a passagem da unidade primordial à multiplicidade de coisas diferenciadas que constituem o universo”<sup>158</sup>, processo esse que se exemplifica no fato e na tomada de consciência de que “por fogo se trocam todas (as coisas) e fogo por todas, tal como por ouro mercadorias e por mercadorias ouro”<sup>159</sup>, como notou Heráclito. A busca pelo comum não seria possível sem o esforço anterior de abstração. Dessa intrepidez, beneficiaram-se a democracia, o direito e a linguagem e, dela também, vimos nascer uma nova forma de pensar.

## 2.2 Enredo

Se possível fosse um olhar sinótico do caminhar que Jaeger (2013) chamou de “milagre grego”, veríamos que esse trajeto desembocou em *contemplatio*. A tradução que os medievais deram à θεωρία (*theoría*) aristotélica, embora conte-nos muito mais sobre seus intérpretes, também nos oferece um ângulo de visada em relação aos antigos. A *theoría* intende observar, contemplar e, em comparação aos outros dois modos de atividades humanas, não deseja trazer um produto desse exercício. O espectador, pois também de *théa* (visão) diz-se derivar *theatrum*, é aquele que já está agindo ao observar a *physis*.

---

<sup>158</sup> Souza, J. C. (org.). *Os Pré-Socráticos*. p.16.

<sup>159</sup> PLUTARCO, *De E apud Delphos*, 8 p. 388E, DK 22 B90.

A via de contemplação participa da *alétheia* parmenidiana na medida que é também empenho do aprendiz para aproximar-se do desvelamento<sup>160</sup>, de livrar as vistas do véu e contemplar, enfim, a Verdade. A *contemplatio* medieval repousa em Deus a transcendência que a linguagem humana não consegue cercar por completo. Deus, assim como a Verdade de Parmênides, é apenas qualificado. Listamos predicados, muito deles nem mesmo passíveis de invocarem imagens em nossas mentes (como imaginar o *ápeiron*?<sup>161</sup>), na esperança de recolher indícios, fagulhas para alimentar a razão pírica.

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de *todas* as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo, porque a faz sem imagem e fabulação; e, enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: “Tudo é um”. A razão citada em primeiro lugar deixa Tales ainda em comunidade com os religiosos e supersticiosos, a segunda o tira dessa sociedade e no-lo mostra como investigador da natureza, mas, em virtude da terceira, Tales se torna o primeiro filósofo grego. Se tivesse dito: “Da água provém a terra”, teríamos apenas uma hipótese científica, falsa, mas dificilmente refutável. Mas ele foi além do científico. Ao expor essa representação de unidade através da hipótese da água, Tales não superou o estágio inferior das noções físicas da época, mas, no máximo, saltou por sobre ele. As parcas e desordenadas observações da natureza empírica que Tales havia feito sobre a presença e as transformações da água ou, mais exatamente, do úmido, seriam o que menos permitiria ou mesmo aconselharia tão monstruosa generalização; o que o impeliu a esta foi um postulado metafísico, uma crença que tem sua origem em uma intuição mística e que encontramos em todos os filósofos, ao lado dos esforços sempre renovados para exprimi-la melhor – a proposição: “Tudo é um”.<sup>162</sup>

“*Lógos* é o nome correspondente ao verbo *légein* = recolher, dizer. É ‘palavra’, ‘discurso’, ‘linguagem’, ‘razão’”<sup>163</sup>. Encontramo-nos, assim, imersos em intuições:

<sup>160</sup> A deusa diz ao jovem aprendiz parmenidiano que “é preciso que de tudo te instruas, do âmago inabalável da verdade bem redonda, e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira” a fim de deixar “as moradas da Noite, para a luz, das cabeças retirando com as mãos os véus” (SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 557, 20, DK 28 B1).

<sup>161</sup> Evocamos, então, Anaximandro de Mileto sobre o “... princípio dos seres.. ele disse (que era) o ilimitado (*ápeiron*)” (SIMPLÍCIO, *Física*, 24, 13, DK 12A).

<sup>162</sup> Nietzsche in Souza, J. C. (org.). *Os Pré-Socráticos*. pp. 43 e 44.

<sup>163</sup> Souza, J. C. (org.). *Os Pré-Socráticos*. p 87.

intuímos com base no que recolhemos. Em unísono, os primeiros pais do cristianismo dizem ser a comunicação com o divino não mediada, mas experimentada em face ao incognoscível. É a esse campo que nos introduzem aqueles que passaram a teorizar, a abstrair e, por consequência, a erigir a Filosofia.

## 2.3 Personagens

Do percurso filosófico, queremos destacar dois em nossa análise. São eles Parmênides e Heráclito. O primeiro é comumente associado às ideias de unidade e permanência; ao passo que o segundo liga-se ao múltiplo<sup>164</sup> e ao movimento. Esse antagonismo serve-nos de empecilho à percepção das semelhanças nutridas por ambos e ao questionamento da real existência de tais opostos enquanto tais. Outro uso, que será o adotado inicialmente, é o de gatilho para assimilação de suas particularidades. Por ora, sigamos a rota bipartida.

Como guias pelas veredas percorridas por Parmênides, vamos em companhia de Cordero (2011) e de Pinheiro (2013). Na ontologia parmenidiana, não há qualquer tipo de participação de não ser em ser ou de ser em não ser: o ser é, o não ser não é e não pode ser de forma alguma<sup>165</sup>. “Nega-se de saída todo nascimento e morte, isto é, aquilo que é não pode nem nascer nem perecer, pois ambos os conceitos implicam em algum tipo de passagem entre o ser e o não ser. Assim, todo e qualquer nascimento e morte estão abolidos do ser”<sup>166</sup>.

Dessa incomunicabilidade, podemos derivar a noção de unidade e, por extensão, a negação do múltiplo. Só é possível diferenciar seres sendo eles limitados. Um ser separa-se de outro e distingue-se por meio de algo que o limita e, portanto, define-o. O que limita o ser não pode ser ele mesmo, senão não seria limite, mas apenas uma continuidade de si. A diferença é, assim, impossibilitada no argumento eleata, pois sua

---

<sup>164</sup> Embora não seja raro ver associada a Heráclito a imagem de teórico do múltiplo, imagem essa que costuma advir do juízo dualista que toma Parmênides como filósofo da unidade e que, por contraposição, toma o outro pelo múltiplo, o pensador de Éfeso foi o primeiro a afirmar “tudo é um” (ἐν πάντα εἶναι, DK 22 B50), fazendo cair por terra a aparente concorrência entre tais pré-socráticos.

<sup>165</sup> “Necessário é o dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser, e nada não é; isto eu te mando considerar” (SIMPLÍCIO, *Física*, 117, 2, DK 28 B6: 1-2).

<sup>166</sup> Pinheiro, M. R. O Uno em Parmênides e em Plotino, p. 5.

validade implicaria a participação naquilo que não é ele mesmo, ou seja, no não ser. Se o ser é e o não ser não é, é excluída qualquer tramitação entre as vias. “Não há graus de ser: se é (absolutamente), ou não é (absolutamente)”<sup>167</sup>. Tudo é contido no ser. Tudo é um. É a noção de identidade que acaba por ser a negação da alteridade, ao mesmo tempo que torna necessária a de unidade e impossível a de múltiplo. Essa relação lógica, no entanto, é, para alguns, falaciosa. Os motivos para isso serão apresentados mais adiante.

Antes, vale destacar conceitos negativos para descrever o que é: não nasce<sup>168</sup>, não perece e não é múltiplo (porque tudo que é é contido em si). “Em verdade, poderíamos qualificar da seguinte forma a metafísica de Parmênides: uma radical negação da noção de alteridade, já que não pode haver um outro do ser, o não ser”<sup>169</sup>. Dos termos negativos existentes, destacamos ainda *akíneton*, termo esse que

mantém o alfa privativo, é *akíneton*, sem movimento. Como é bastante conhecido sobre os eleatas, a escola chamada *imobilista*, não pode haver forma alguma deste Ser ir para outro local, já que não há alteridade alguma em relação ao ser. Que haveria de outro em relação ao ser para que ele pudesse se encaminhar para lá? Novamente, para afirmar um *outro* lugar para o qual o ser poderia se locomover, deveríamos lançar mão do conceito de não ser, o que nos é interdito.<sup>170</sup>

Pode-se dizer, porém, que tal visão de movimento associa-se à de deslocamento somente. O que é não pode mover-se no sentido de deslocar-se de A para B, porque não há nem A nem B, há apenas o que há. O ser parmenidiano é homogêneo e contínuo<sup>171</sup>. A nomeação de pontos referenciais para a determinação de deslocamento é, logo, impossibilitada, o que leva à afirmação de sua permanência. Essa visão de imobilidade, todavia, é contestada pela sistematização dos tipos de movimentos feita por

---

<sup>167</sup> Cordero, N. L. *Sendo, se é: a tese de Parmênides*, p. 206.

<sup>168</sup> “Só ainda (o) mito de (uma) via resta, que é; e sobre esta indícios existem, bem muitos, de que ingênito sendo é também imperecível, pois é todo inteiro, inabalável e sem fim; nem jamais era nem será, pois é agora todo junto, uno, contínuo; pois que geração procurarias dele?” (SIMPLÍCIO, *Física*, 114, 29, DK 28 B8: 1-5).

<sup>169</sup> Pinheiro, M. R. O Uno em Parmênides e em Plotino, p.5.

<sup>170</sup> *Idem*, p.6.

<sup>171</sup> “Nem divisível é, pois é todo idêntico; nem algo em uma parte mais, que o impedisse de conter-se, nem também algo menos, mas é todo cheio do que é, por isso é todo contínuo; pois ente a ente adere” (SIMPLÍCIO, *Física*, 114, 29, DK 28 B8: 22-25).

Aristóteles<sup>172</sup>. Por essa perspectiva, o movimento deixa de ser exclusivamente deslocamento. Agora, ele pode ser também o que ocorre interiormente ao ser. A física aristotélica é, por esse motivo, lida como tendo inclinação biológica por ver nos seres moções que os alteram sem necessariamente refletir em alterações espaciais. Em concordância,

Como Parmênides não diz nada sobre os “entes” que constituem a dimensão que Platão chamará de “sensível”, toda negação (ou afirmação) do movimento “das coisas” fica excluída. Em função da análise do fato de ser no fragmento 8, a questão relevante não é “por que não se move?”, mas “por que o ser deveria se mover?”. Com efeito, que sentido há em aplicar a categoria do movimento a uma noção necessária e absoluta? O “movimento”, como a maior parte dos *sémata* do fragmento 8, tem valor alegórico, como os limites, as cadeia, a esfera [...], e assim por diante. [...] [Ao mesmo tempo que] O que está sendo, em Parmênides, não se altera, não muda, porque toda mudança suporia tornar-se aquilo que não se é, ou adquirir aquilo que lhe falta, e, nesse caso, que algo mais além daquilo que é, o que foi negado a priori pelos outros *sémata*. Como é perfeito, “completo” [...], não lhe falta nada. Com um pouco de ironia, Parmênides afirma que, como é “total”, se lhe faltasse algo, faltar-lhe-ia *tudo*.<sup>14</sup>

O ser parmenidiano não é, portanto, um ente espaço-temporal<sup>173</sup>. Não é possível determinar-lhe passado ou futuro, antes ou depois<sup>174</sup>. Ele não é passível de geração nem

---

<sup>172</sup> É aconselhada a leitura de *Física* e de *De generatione et corruptione*, ambas obras de Aristóteles, para aprofundamento na questão.

<sup>14</sup> Cordero, N. L. *Sendo, se é: a tese de Parmênides*, pp. 205 – 206.

<sup>173</sup> Segundo nota sobre DK 28 B8:5-6, uma das leituras possíveis é que “a afirmação ‘nunca foi nem será, pois é agora como um todo’, afigura-se-nos reivindicar não apenas que o que é não chegará a existir, mas que não há de existir de todo no futuro. Provavelmente, o que Parmênides pretende atribuir a o que é é uma existência num eterno presente, não sujeito a distinções temporais sejam elas de que espécie forem” (Kirk, G.S.; Raven, J.E.; Schofield, M. *Os filósofos pré-socráticos*, p. 261).

<sup>174</sup> Sobre tais características do Uno, é interessante trazer à memória a concepção esboçada por Melisso de Samos quando disse que “sempre era o que era e sempre será. Pois, se tivesse vindo a ser, necessariamente nada seria (existiria), antes de vir a ser. Por conseguinte, se nada fosse, de modo algum algo viria a ser de nada” (SIMPLÍCIO, *Física*, 162, 4, DK 30 B1). A respeito da reflexão, é possível depreender duas linhas interpretativas. Uma delas afirma que, “portanto, espacialmente todo-includente, significa que não pode haver mudança externa que forneça uma medida do tempo, com o ser imóvel eliminando igualmente qualquer medida interna do tempo” (Hussey in Long (org.). *Primórdios da filosofia grega*, p. 176). Antes de abordamos a segunda concepção, porém, aproveitamos para lembrar de Parmênides quando diz que “é sem princípio e sem pausa, pois geração e perecimento bem longe afastaram-se, rechaçou-os fé verdadeira” (SIMPLÍCIO, *Física*, 114, 29, DK 28 B8:27-28). Diante disso e conforme uma segunda concepção, há teóricos que argumentam que “é necessário dizer que Parmênides não trata explicitamente do tempo; em nenhum momento de seu poema o tempo é objeto de atenção, de análise ou até mesmo de citação *en passant*. Parmênides trata do 'ser no tempo' ou, melhor dizendo, do 'ser numa dimensão temporal' chamada de *nun*; jamais trata do tempo em si. O mesmo vale para Melisso,

de corrupção. Ele sempre e continuamente é. Já quanto à questão da unidade, as afirmações devem ser mais cautelosas. Retornamos a ela a fim de mostrar uma interpretação divergente que defende que “Parmênides diz, ao final, que o fato de ser é único, não que seja uno, e menos ainda que o ser seja ‘O Uno. [...] E o ‘ser-uno’, que impede que se justifique a multiplicidade, o universo sensível, a mudança, esse é o principal inimigo”<sup>175</sup>.

Em breve, daremos voz a Heráclito. Nesse momento de transição, aproveitamos para trazer um argumento que se mescla muito bem à tese que subjaz a discussão pré-socrática e que contradiz a imobilidade supostamente parmenidiana:

“*Hén*” significa que o que está sendo é uma presença total que monopoliza, tautologicamente, o fato de ser “*Being is the only thing there is*”. Nesse sentido, “ser” é um fato único, singular. E, por essa razão, pela primeira vez na terminologia filosófica grega (a não ser que textos perdidos o tenham precedido), Parmênides que, como todos os filósofos, reflete sobre “*tà ónta*”, sobre “as coisas”, descobre que se elas existem é porque possuem “algo” em comum, que é único, e que por isso considera-os “*tò ón*”, “o que está sendo”. *A única unidade detectável em Parmênides é linguística; o singular substitui o plural: a reflexão sobre ón substitui a questão a cerca de tà ónta.*<sup>176</sup>

Gazolla (2000) também aponta para a necessidade linguística que pervade a discussão pré-socrática: a determinação de um sujeito. Como indício do exercício da inteligência particular do homem, que percebe o mundo por meio de suas sensações imediatas, o todo sem divisão ou sem cronologia não cabe na linguagem<sup>177</sup> e acaba,

---

pois se trata do 'ser numa dimensão temporal' chamada sempre era e sempre será. Em nenhuma parte do escrito Melisso trata do tempo como algo em separado. (...) Pode-se dizer que Melisso, pela demonstração da impossibilidade da geração (e, *eo ipso*, da corrupção), acaba colocando as bases para uma "demonstração" da perpetuidade do ser. Mas esta afirmação da perpetuidade, se considerada como reflexão sobre o tempo, está completamente fora do horizonte especulativo melissiano. (...) Parmênides não inicia, no pensamento ocidental, a reflexão sobre o tempo. Em nossa visão, o tempo, por não ser tratado explicitamente por estes autores, não deve ser pesquisado de forma separada, arrancado à sua dimensão de pressuposto não maduramente consciente, sob pena de cometer injustiças conceituais que podem desvirtuar o pensamento do autor tratado. Em nossa visão, portanto, com o *sempre era e sempre será*, Melisso não está falando do tempo, mas da impossibilidade do devir” (GALGANO, N. S. *A transgressão de Melisso: o tema do não-ser no Eleatismo*, pp. 94 -96).

<sup>175</sup> Cordero, N. L. *Sendo, se é: a tese de Parmênides*, p. 210.

<sup>176</sup> Idem, pp. 208 – 209, destaques do autor.

<sup>177</sup> Hussey (2008), em *Primórdios da filosofia grega* (LONG, org.), aponta para a relação entre a possibilidade de compreensão e a existência de significado impressa no pensamento de Heráclito. Para o comentador, a ambiguidade virtuosa com que o antigo domina a língua grega sinaliza a presença de outra

então, por ter alguns de seus sinais reunidos sob a égide de um nome. É mediante a esse processo de nomeação que “os homens pensam e dizem o cosmos”<sup>178</sup>, embora sem recolher o que há de oculto nele.

Na visão de Heráclito, este entendimento da condição humana é inseparável de uma intuição sobre a estrutura unificadora do universo, a unidade total no interior da qual todos os princípios opostos – incluindo mortalidade e imortalidade – são reconciliados. É esta intuição e este entendimento que ele preza como Sabedoria (*sophia*) e que todo o seu discurso se esforça pra expressar. A guerra dos opostos, o fogo cósmico, o divino que é também a própria sabedoria ou “o sábio” – tudo isso compõe o quadro dentro do qual a vida e a morte do homem devem ser entendidas, e “entendidas” quer dizer vistas em sua unidade própria, como o dia e a noite (D.57). A ignorância dos homens reside no seu fracasso em compreender o *lógos* no qual esta intuição é articulada, o *lógos* que é a um só tempo o discurso de Heráclito, a natureza da própria linguagem, a estrutura da *psyché* e o princípio universal segundo o qual todas as coisas acontecem. A apreensão dessa intuição por Heráclito teria sido impossível sem a nova concepção filosófica de ordem cósmica, o que o separa claramente dos “sábios” de tipo antigo. Mas ele está com estes na visão da sabedoria como um *insight* sobre a estrutura da vida e do homem e os limites da condição humana.<sup>179</sup>

Segundo Heráclito, o sol que é do tamanho do pé<sup>180</sup>, fruto do que há de percepção sensual, é e não é o mesmo sol que se renova diariamente<sup>181</sup>, que também é e não é o mesmo. Há uma certa permanência na frequência em que o sol mostra-se aos nossos sentidos, autorizando-nos a fiar dele uma noção de identidade. Porém, sua transformação constante, seu movimento, impede-nos, justamente, de atribuímos uma identidade que lhe é certa. O sol de hoje não é o mesmo de ontem, porque já é diferente,

---

camada de sentido. Nela, a *linguagem* heracliteana é forma que dá corpo ao sentido oracular e enigmático que é próprio da natureza (DK 22 B123). Sugestiona-se, por meio desse artifício, algo latente no substrato semântico, e, pelo uso de uma das acepções possíveis para *lógos*, decorre-se sobre o *discurso* como meio de coleta e veículo de conferência de significado aos signos físicos, transformando-os, assim, em objeto de conhecimento àqueles que estiverem em *homología* ao que é comum (*xýnos*) (DK 2 B2), isso é, o *lógos*, cuja autoridade “não pode ser outra coisa que o tipo impessoal de autoridade intrínseco à *razão* ou à *racionalidade*” (p. 145). Mais uma vez, indicam-se a polissemia do vocábulo, a tentativa de reunião de suas acepções múltiplas e a correlação dessa manobra linguística à tese defendida pelo helênico de que tudo é um (DK 2 B50).

<sup>178</sup> Gazolla, R. El fragmento 25 de Heráclito (reflexiones acerca de la *psyché*), p.2.

<sup>179</sup> Kahn, C; H. *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*, pp. 50 -51.

<sup>180</sup> “(Sobre s grandeza do sol) sua largura é a de um pé humano” (AÉCIO, II, 21, 4 DK 22 B3).

<sup>181</sup> “O sol não apenas, como Heráclito diz, é novo cada dia, mas sempre novo, continuamente” (ARISTÓTELES, *Meteorologia*, II, 2. 355 a 13, DK 22 B6) .

mas a necessidade linguística transforma-o em um só nome na função de sujeito de uma oração, fazendo-o, logo, o mesmo. Em consonância, Kahn (2009) diz que “aqui, como em outros lugares, descobrimos que a realização característica de Heráclito está na articulação de uma visão em que os opostos podem ser vistos juntos como uma unidade”<sup>182</sup>. Por indícios, Heráclito sinaliza algo mais profundo em seu pensamento, e o entendimento do sentido dado a fogo no trigésimo fragmento<sup>183</sup> é a fresta pela qual seu brilho pode ser inteligido.

As doutrinas do fogo, da ordem cósmica e das transformações elementais são, com efeito, mais do que ilustrações; contudo, elas só são significativas na medida em que revelam uma verdade geral sobre a unidade de opostos, uma verdade cuja aplicação primária reside, para os seres humanos, numa compreensão mais profunda da própria experiência de vida e morte, sono e vigília, juventude e velhice.<sup>184</sup>

O fogo é eterno por assim permanecer em suas manifestações particulares, unindo opostos sob um mesmo nome. Aproximamo-nos, nesse ponto, da dúvida, que já havia sido anunciada, mas que agora se mostra mais contundente. O pareamento entre uno e múltiplo e permanência e movimento é, com efeito, menos descritivo da *alétheia* do que da necessidade gnosiológica de contraste. A relação de conhecimento estabelecida ao frio só pode ser tida em oposição à do calor. O homem capta sinais<sup>185</sup> e contrasta-os, deles construindo conceitos e encapsulando-os dentro de nomes. Foi sobre esse alicerce instável que se construiu o robusto castelo filosófico ocidental e, paradoxalmente, foi por permanecer em movimento, que atraiu tantos olhares ao longo dos séculos, sejam eles teóricos, contemplativos ou científicos.

---

<sup>182</sup> Kahn, C; H. *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*, pp. 39 e 40.

<sup>183</sup> “Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Tapeçarias*, V, 105, DK 22 B30).

<sup>184</sup> Kahn, C; H. *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*, pp. 50 -51.

<sup>185</sup> “O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais” (PLUTARCO, *Dos oráculos da Pitonisa*, 21 p. 404 D, DK 22 B93)

### 3 Conclusão: narrador(es)

No episódio atual dessa narrativa metafísica, ouvimos narradores, que como os renascentistas que contemplaram o passado, trazem da ciência os instrumentos e as lentes para a leitura daquilo que intuíram os primeiros pensadores. Mergulhamos nesse torpor na esperança de emergirmos dos primórdios do pensamento teórico com aquilo que eles também procuraram. Voltamos aos pré-socráticos e juntamo-nos a eles na busca pelo começo de tudo que há.

Nesse sentido, explorar o pensamento de Heráclito, como se tentou mostrar, é abrir veredas em um terreno movediço. Cada passo é incerto por ser o terreno instável. A inteligência particular humana, que deve almejar estar em compasso<sup>186</sup> com o *lógos*, vacila ao crepitar entre opostos que constituem unidade. A ordem que organiza o mundo, o *kósmos*, é interna a ele. Ela não foi criada por homens, nem por deuses, mas que não deixa de ser divina por ser processo eterno: foi, é e será como o fogo que delineia, em uma imagem também instável, o fluxo que Heráclito apreendeu em sua solidão de quem viu além da perspectiva de seus contemporâneos e que, repousou não só aos pés da deusa o que refletiu, mas também no estofo que dá base ao pensamento ocidental aquilo que recolheu dos sinais.

Aproximando-nos do fim da reflexão, olhamos para os indícios por Parmênides levantados e entendemos sua importância. Ao pensar o ser, o filósofo tomou como objeto de estudo aquilo que precede qualquer predicado e, com isso, colocou as bases para o conhecimento científico-filosófico ainda nascente. O eleata desejou tornar pública sua teoria como forma de mostrar que a opinião não é a esfera perfeita, é, pelo contrário, o que se vê através de véu, é algo que não é evidente. Apontar para seu caráter translúcido não o impeliu, todavia, a deixar de investigar a *dóxa*. Talvez dela, uma Verdade emerja, como fazem os silogismos que guardam a Verdade até o fim,

---

<sup>186</sup> “Deste *lógos* sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse *lógos*, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo” (SEXTO EMPÍRICO, *Contra os Matemáticos*, VII, 132, DK 22 B1).

encaminhando-nos por seu raciocínio metódico. Só nos resta esperar, em semelhança a esse processo, que este texto tenha sido também mais um passo em aproximação à Verdade e à sua claridade.

## Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. *De generatione et corruptione*. In: CHORÃO, Francisco José Amaral. *Matéria em Aristóteles: O problema da Materia Prima no De Generatione et Corruptione*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ética a Nicômaco*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

\_\_\_\_\_. *Física*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

BURKE, Peter. *O Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

CORDERO, Néstor Luis. *Sendo, se é: a tese de Parmênides*. São Paulo: Odysseus, 2011.

GALGANO, Nicola Stefano. *A transgressão de Melisso: o tema do não-ser no Eleatismo*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

GAZOLLA, Rachel. *El fragmento 25 de Heráclito (reflexiones acerca de la psyché)*. São Paulo/ Cochabamba, 2000.

JAEGER, Werner. *Paideia: A formação do homem grego*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KAHN, Charles H. *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*. São Paulo: Paulus, 2009.

KIRK, G.S.; RAVEN, J.E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. São Paulo: Vozes, 1997.

LONG, A.A. (org.). *Primórdios da filosofia grega*. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.

PINHEIRO, Marcus Reis. O Uno em Parmênides e em Plotino”. *Neoplatonismo, mística e linguagem*. Org. Marcus Reis Pinheiro e Celso Martins Azar Filho. Niterói: Editora da UFF, 2013.

PLATÃO. *Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Sofista*. Col. Os Pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *Parmênides*. São Paulo: Loyola, 2003.

SOUZA, José Cavalcante (org.). *Os Pré-Socráticos*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

VERNANT, Jean Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Difel: Rio de Janeiro, 2003.